



Recebido em: 27/05/2014

Aceito em: 01/07/2014

O monge Jerônimo e o bispo Agostinho em torno da controvérsia religiosa Jovinianista

Fabiano de Souza Coelho ¹

Doutorando (PPGHC/IH/UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/2802555703136531>

Resumo:

A renúncia sexual dentro do Cristianismo Antigo foi se construindo no decorrer dos primeiros séculos e teve como culminância o final do século IV d. C. O ascetismo de Jerônimo e o rigorismo moral do bispo Agostinho estiveram ante um conjunto de ideias do monge Joviniano que difundia a igualdade de méritos entre os cristãos batizados virgens, viúvos e casados.

Palavras-chaves: Agostinho, Jerônimo, Joviniano.

Abstract:

The sexual renunciation within Christianity Old has been built during the early centuries and was to culminate the end of the fourth century AD. The asceticism of Jerome and moral rigor of Bishop Augustine were forward a set of ideas monk Joviniano it spread the equal merits between baptized Christians virgins, widows and married.

Keywords: Augustine, Jerome, Jovinian.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), orientado pela Professora Doutora Regina Maria da Cunha Bustamante (PPGHC/UFRJ). Pesquisa: Cristianismo, Identidade e Poder: um estudo comparado das representações de gênero nas obras de Jerônimo e Agostinho (entre os anos 390 a 415 d. C.).

Introdução

Jerônimo (347 a 419 d. C.),² monge e sacerdote católico, Agostinho (354 a 430) bispo da cidade de Hipona, norte da África romana, foram uns dos maiores pensadores de sua época e umas das maiores figuras da religião cristã do Ocidente. O monge Jerônimo e o bispo de Hipona foram singulares polemistas de sua época, à vista disso, incansavelmente defenderam a identidade daquilo que consideravam como a verdadeira religião, isto é, o Cristianismo. Pretendemos apresentar nesse artigo como foi o contexto litigioso em torno da temática do casamento, virgindade e celibato entre esses *Padres da Igreja* e o movimento religioso liderado pelo monge Joviniano na cidade de Roma, no final do século IV.

Jerônimo e Agostinho contra Joviniano

Voltemos nosso olhar para o tempo de Jerônimo e Agostinho. Esse sacerdote e essa autoridade eclesiástica viveram em um período quando o Cristianismo era religião do Estado Romano e, por causa disso, as estruturas do poder político estavam em íntima conexão com o poder religioso. Mesmo que a cristianização do Império em sua totalidade fosse ainda incipiente, a teoria religiosa do Cristianismo se adequou à nova realidade de sua sociedade e traduziu o novo acordo entre o Estado, a Igreja e os fiéis, de tal maneira que conferiu um sentido religioso às novas realidades políticas (PAGELS, 1989: 139).

Jerônimo viveu num contexto da história em que o Cristianismo estava se cristalizando como religião oficial do Império e no interior desse se multiplicavam movimentos considerados heréticos. Jerônimo, após realizar seus estudos em Roma, fez várias viagens para algumas regiões do Estado Romano, onde teve contato com as tradições religiosas cristãs e judaicas, e numa dessas viagens foi ordenado sacerdote católico (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 13).³ Entre os anos 375 a 377, Jerônimo buscou formação ascética no deserto em Cálcis junto a Antioquia e posteriormente retornou a Roma, fixando residência nessa cidade (DANIÉLOU; MARROU, 1973: 286).

Em 382, Jerônimo retornou a Roma, depois de participar do I Concílio de Constantinopla, celebrado em 381, com o intuito de participar do novo Concílio que seria aberto para resolver as questões pendentes deixadas outrora no último. Também nesse período foi nomeado secretário do bispo de Roma, Damásio, que

² Todas as datas deste trabalho são d. C., salvo quando expresso em contrário.

³ No ano 377, em Antioquia, Jerônimo foi ordenado sacerdote pelo bispo Paulino (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 13).

solicitou que as escrituras cristãs fossem traduzidas em uma boa versão para a Igreja (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 15).

Em Roma o discurso ascético de Jerônimo teve maior eficácia, especialmente, junto a um considerado número de senhoras, viúvas e virgens, essas pertencentes à alta aristocracia senatorial (DANIÉLOU; MARROU, 1973: 286). Assim, Jerônimo se afastou de seus colegas varões e aproximou-se dessas mulheres consagradas da Igreja da cidade de Roma para demonstrar sua erudição (BROWN, 1990: 301).

Jerônimo, por conseguinte, durante o pontificado de Damásio, foi conselheiro espiritual de um grupo de mulheres cristãs da aristocracia da cidade. Em seguida viajou para o Egito e Palestina, assentou-se, no ano de 386, na cidade de Belém, sendo um superior de uma comunidade monástica que foi patrocinada por sua amiga, a rica viúva romana, Paula (VESSEY, 2001: 752).

Entretanto, quando Sirício assumiu o episcopado em Roma, o monge Jerônimo encontrou problemas, diferente de outrora. Um dos primeiros atos de Sirício como bispo de Roma foi o processo de julgamento e expulsão de Jerônimo da cidade de Roma no ano de 385. Sirício apresentou que Jerônimo foi objeto de acusação de conduta vergonhosa, decorrente de suas relações com a viúva romana, chamada Paula⁴ (HUNTER, 2003: 455).

Em Belém, Jerônimo, formou uma comunidade religiosa ascética e erudita – sendo que no interior dessa comunidade habitavam homens e mulheres. Em especial, a cultura oferecida por Jerônimo a essas mulheres religiosas era relacionada a uma profunda formação intelectual e a uma disciplina ascética rigorosa (BROWN, 1990: 304).

Por sua vez, entre os anos 394 a 430, Agostinho foi bispo de Hipona, em latim *Hippo Regius*, cidade portuária no norte da África romana. O bispo Agostinho se destacou por sua intensa atividade eclesiástica, e sendo um líder ativo na Igreja de Hipona, atendia inúmeras pessoas de sua localidade e de outras regiões do Império Romano.

Agostinho, na Igreja em Hipona, teve que resolver diversos assuntos no campo civil, jurídico, político e manteve contato com diversos personagens influentes de seu tempo. Portanto, a vida de bispo católico na cidade de Hipona era muito complexa; essa cidade recebia diariamente uma diversidade de pessoas de várias regiões da África e além-mar; conviviam no interior da comunidade de

⁴ Embora a imoralidade de Jerônimo não tenha sido comprovada, ele foi aparentemente obrigado a assinar um documento aceitando deixar Roma imediatamente (HUNTER, 2003: 455).

Hipona além dos cristãos, outros grupos religiosos (por exemplo, os donatistas) e, também, os pagãos.

Com isso, o episcopado vivenciado em Hipona por Agostinho teve como base a vida em comum entre os clérigos; essa autoridade eclesiástica aconselhava outras *ecclesias* a imitarem o exemplo da Igreja de Hipona. Além disso, o múnus episcopal implicava a administração propriamente dita do patrimônio da Igreja, terras ou imóveis, provenientes de doações e o gerenciamento dos donativos em espécie ou em dinheiro recebidos para o serviço do culto ou para os pobres (HAMMAN, 1989: 282).

De acordo com Teja (1999: 97-107), os bispos, nos séculos IV e V – período que norteou nosso objeto de análise nesse artigo –, eram uma junção de sacerdote, político, filósofo, jurista e retórico; este perfil pode ser explicado pela procedência social de um número considerável de bispos. Como membros das aristocracias urbanas, recebiam uma formação clássica, alguns possuíam riqueza familiar e, na tarefa de dirigir a sociedade do seu tempo, somavam ao status social as prerrogativas eclesiásticas.

Igualmente, assevera Dodaro (2001: 674) que Agostinho como bispo de Hipona herdou uma série de complexas relações institucionais com funcionários imperiais e provinciais que estavam encarregados dos assuntos políticos e militares. Durante seu episcopado, Agostinho contribuiu também para o desenvolvimento dessas relações institucionais, tanto em nível teórico quanto em nível prático.

Ademais, nesse período, os bispos também “[...] eram patronos dos pobres e protetores das mulheres influentes, cujas energias e fortuna colocavam a serviço da Igreja; o bispo era diretor espiritual de vastos grupos de viúvas e virgens e adquiria importância na cidade nesse século” (BROWN, 2009: 254-255).

Como mediador entre o povo e o poder político imperial, o bispo de Hipona era tomado por muitas questões e atividades que transcendiam o âmbito religioso. No campo político, o bispo Agostinho em Hipona atuava na mediação de conflitos; defendia não apenas interesses das comunidades cristãs, mas também interesses da cidade, respondendo não apenas pelos clérigos e pelos fiéis cristãos, mas em alguns casos, inclusive pelos pagãos.

Desta maneira, transcendendo o poder espiritual, os bispos do século IV e início do século V tinham um consistente poder temporal, em particular, por causa da oficialização do Cristianismo como religião do Império Romano, proclamado por Teodósio I, em 380.

Agostinho foi muito consciente da profunda mudança histórica que estava vivendo; o bispo de Hipona absorveu toda essa estrutura eclesiástica de seu século;

foi uma singular figura de seu tempo; as suas reflexões sobre as relações de gênero, moral e sexualidade marcaram a Antiguidade Tardia.

De fato, desde os primeiros séculos de existência da religião cristã temos uma intensa produção eclesiástica sobre os temas referentes à moralidade e, da mesma forma, à sexualidade. Em particular, no Ocidente, os principais Padres da Igreja, a saber, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho, nos séculos IV e V, discutiram de forma mais profunda sobre o problema da dualidade sexual (KLAPISCH-ZUBER, 2006: 138).

Desta maneira, para grande parte dos cristãos dos primeiros cinco séculos, a verdadeira liberdade exigia renúncia – a continência, acima de tudo. A renúncia sexual significava o repúdio do mundo, da sociedade comum e de suas vicissitudes negativas, sendo um caminho de se ter o controle da própria vida (PAGELS, 1989: 115).

Na região onde Jerônimo estava localizado, ele recebia notícias das polêmicas religiosas de seu tempo. Esse religioso era um tipo de personalidade que se sentia ofendido facilmente e não deixava de responder seus opositores, entre o final do século IV e início do século V, viu-se sempre rodeado de controvérsias (VESSEY, 2001: 753) – em especial, combateu as ideias de Lucífero, Helvidio, Joviniano, Vigilância, João de Jerusalém, Rufino e Pelágio.⁵

Igualmente, no final do século IV e início do século V, o maduro Agostinho, em sua Igreja na África, reformulou suas antigas ideias morais, mediante os debates em que estava envolvido – em particular, os maniqueístas,⁶ donatistas,⁷ pagãos,⁸ e, por último, os pelagianos.⁹

⁵ As doutrinas religiosas desses personagens combatidos por Jerônimo estavam relacionadas às questões ligadas ao arianismo, à virgindade de Maria, à filosofia origenista, à vida monástica, ao ascetismo e à renúncia sexual (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 40). A partir do ano 392, Jerônimo começou a publicar seus tratados em torno de que questões polêmicas. A apologia à virgindade e do monaquismo é dirigida, em primeiro lugar, contra Helvidio e depois nos dois livros contra Joviniano. Mais tarde, a controvérsia origenista oferece ocasião de duas obras – a Contra João de Jerusalém e Contra Rufino. Por fim, na velhice, abordou também sobre o monaquismo nas obras contra Vigilância e contra os Pelagianos (SITERNON, 2002: 747-749).

⁶ O Maniqueísmo foi um sincretismo de doutrinas judaico-cristãs e indo-irânicas (RIGGI, 2002: 874). A doutrina do Maniqueísmo começou com uma questão que foi fundamental para todos os sistemas religiosos antigos: por que existe o mal? A resposta dada pelo Maniqueísmo se expressou na forma do dualismo radical (COLÉ, 2001: 832). Os dois princípios do Maniqueísmo eram: o bem e o mal, isto é, Deus e a Matéria em luta entre si. No Maniqueísmo existiam duas categorias de seguidores: os “eleitos” (ou perfeitos) e os “ouvintes”, esses últimos eram aqueles que não faziam parte do grupo de “sábios”. Agostinho passou cerca de nove anos como membro ouvinte do Maniqueísmo e após se converter ao Cristianismo se tornou um pertinaz crítico das ideias dualistas dos maniqueístas (BROWN, 2005: 57).

⁷ O Donatismo foi um movimento cismático que dividiu o Cristianismo da África do Norte no século IV e início do século V. No período do episcopado de Agostinho em Hipona existiam duas Igrejas na África: católica e donatista. Os donatistas receberam esse nome por causa do seu líder, o bispo Donato; esse cisma religioso foi condenado pelo bispo Agostinho, em especial, na Conferência em Cartago em 411 (FRANGIOTTI, 1995: 64-66).

⁸ Agostinho, no decorrer de sua vida como cristão, produz sermões, tratados e obras contra os pagãos. Entretanto, a controvérsia entre o bispo de Hipona e o Paganismo fica mais intensa depois do saque de Roma; esse episódio na cidade de Roma no dia 24 de agosto de 410 repercutiu em todo o Estado

Desta maneira, a sociedade em que Agostinho e Jerônimo viveram fora edificada mediante a tensão entre cristãos e pagãos; católicos e hereges; verdade cristã e suposição mundana; Igreja e século (*saeculum*); alma e corpo (BROWN, 1990: 318-319). Toda essa conjuntura fez de Agostinho e de Jerônimo figuras polemistas e apologistas que debateram inúmeras questões referentes às realidades temporais e espirituais de seu tempo. Assim, acontecimentos, objeções e questionamentos particulares contrários à religião cristã, entre os anos 390 a 415, levaram Agostinho e Jerônimo a inúmeras discussões sobre as diversas realidades morais cotidianas.

Com efeito, os assuntos abordados por Agostinho e Jerônimo nesse contexto temporal versaram sobre os seguintes eixos temáticos: o casamento, a virgindade, o ascetismo, a santidade e a abstinência sexual – na qual, em particular, apresentaram o papel social de homens e mulheres no mundo cristão. Destarte, Agostinho e Jerônimo, ao escreverem sobre esses temas, criavam uma forma de responder os inimigos da Igreja católica e seus correligionários e, do mesmo modo, isto era um instrumento de cristalização e reafirmação da estrutura identitária do Cristianismo na sociedade de seu tempo.

Durante o ano de 392 chegou ao conhecimento de Jerônimo, por intermédio de Marcela, notícias acerca de um monge chamado Joviniano,¹⁰ autor de uma obra chamada *Commentarioli*, que apresentava sua doutrina, contrária a qualquer tipo de ascetismo e que ganhava adeptos em Roma. Essa obra foi enviada a Belém solicitando uma resposta de Jerônimo e foram feitos dois livros contra as ideias de Joviniano (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 20).

Jerônimo caracterizou Joviniano como um cristão que atraía homens e mulheres jovens (HUNTER, 1999b: 15). A atividade religiosa de Joviniano em Roma causou preocupação a Igreja, pois ao redor desse monge se ajuntaram um significativo número de seguidores leigos¹¹ – apesar de sua formação intelectual não ser tão erudita. A pregação de Joviniano apresentava uma vida monástica mais próxima à realidade do homem terreno; esse exemplo de monge cosmopolita serviu

Romano e contribuiu para que Agostinho elaborasse sua réplica aos pagãos organizada nos XXII Livros da obra *Cidade de Deus*.

⁹ Pelagianismo foi a doutrina do monge Pelágio; a qual tem uma visão otimista acerca da natureza humana e sua capacidade moral – essa doutrina envolveu questões antropológicas (FRANGIOTTI, 1995: 113).

¹⁰ O monge Joviniano residia em Roma, no final do século IV, e defendeu a ideia de que a graça batismal era idêntica em todos os cristãos – tanto casados, celibatários e virgens. Esse monge estimulou que as virgens consagradas e monges contraíssem o matrimônio. Teve os seguintes opositores: Jerônimo, Ambrósio e Agostinho que condenaram sua doutrina (GRIBOMONT, 2002: 783).

¹¹ A maioria dos seguidores do monge Joviniano eram pessoas comuns, as leigas (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 45).

para Jerônimo representar Joviniano de forma negativa, estigmatizada (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 25).

Desta maneira, Jerônimo elaborou o tratado *Contra Joviniano – Adversus Iovinianum* – entre os anos 392 e 393. Essa obra refutou os argumentos que defendiam a igualdade espiritual de todos os cristãos batizados e apresentou a superioridade daqueles que eram continentes e castos e, com isso, esse tratado de Jerônimo causou escândalo na sociedade romana por sua radicalidade (VESSEY, 2001: 754). Por conseguinte, essa obra contra Joviniano, por um lado, funcionou como instrumento de inspiração religiosa e, por outro lado, como meio de irritação para alguns os cristãos (BROWN, 1990: 309).

As teses defendidas por Jerônimo na sua obra contra Joviniano causaram certo receio entre os cristãos de Roma – em particular, Panmaquio hesitante tentou conter a circulação e recepção dessa obra em Roma. Assim, a polêmica levantada em torno dos livros de Jerônimo contra a heresia joviniana fez também que a partir do ano 401 Agostinho escrevesse as obras contra Joviniano, nas quais foi apresentada à sociedade romana uma visão menos radical sobre continência, casamento e virgindade¹² (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 35).

Com isso, Agostinho de Hipona escreveu sua primeira obra específica sobre o casamento – *De Bono Coniugali* – entre os anos 401 a 412, em resposta à controvérsia levantada em torno do monge Joviniano, em Roma. Esse monge apresentava em sua doutrina que os homens e mulheres que viviam o estado de vida do matrimônio, do celibato ou da virgindade tinham méritos equiparados para a religião cristã (RODRÍGUEZ DÍEZ, 2007: 545).

Apesar das condenações feitas pelas autoridades da Igreja e pelo Estado Romano¹³ as ideias de Joviniano se difundiram no início do século V. Da mesma forma, agregado a doutrina de Joviniano, existia nesse contexto a crítica maniqueísta ao casamento, a qual Agostinho se empenhou para combater nesse tratado moral sobre o matrimônio cristão (HUNTER, 2001: 770).

Seguindo a mesma perspectiva acerca das questões referentes ao casamento, o bispo Agostinho aborda num novo tratado a temática sobre a virgindade e a continência sexual consagrada. Os escritos sobre a virgindade – *De Sancta Virginitate* – foi um complemento feito por Agostinho sobre suas reflexões

¹² Diferente de Jerônimo, o bispo Agostinho apresentou uma visão mais moderada e menos unilateral sobre a sexualidade nos seus tratados morais – *De bono conjugali* e *De sancta virginitate* (VASSEY, 2001: 754).

¹³ A doutrina de Joviniano foi declarada contrária à ortodoxia católica e condenada como heresia pelo bispo de Roma, Sirício, em 392, e pelo bispo de Milão, Ambrósio, em 393 (RODRÍGUEZ DÍEZ, 2007: 545). Ademais, o bispo Sirício condenou e excluiu da comunhão com a Igreja católica esse monge e oito seguidores de sua doutrina (KIRSCH, 1912: 1); e, também, no ano 398, um edito imperial decretou a pena de açoite e exílio para Joviniano e seus seguidores (HUNTER, 2001: 769).

anteriores sobre o casamento dando ênfase agora à virgindade; também, nessa obra, continuou a réplica à controvérsia levantada pelo monge Joviniano.

Com isso, os tratados agostinianos sobre o casamento e a virgindade, iniciados a partir do ano 401, formam uma estrutura complementar, isto é, uma reflexão se aloca com a outra, a primeira com a segunda e vice-versa. Enfim, essas obras estão ancoradas em uma espécie de um arranjo díptico (HUNTER, 2001: 871). Nestas duas obras – *De Bono Coniugali* e *De Sancta Virginitate* – o bispo Agostinho refletiu sobre o casamento e apresentou o lugar da virgindade dentro da Igreja católica; demonstrou o matrimônio e a continência como algo que não passava de dois estados sucessivos da harmonia humana (BROWN, 1990; 331-333).

Ademais, a controvérsia joviniana proporcionou que Agostinho desenvolvesse elementos de uma doutrina cristã sobre o casamento e, também, levou-o a ter uma atenção especial à questão do celibato (HUNTER, 1999b: 17). Portanto, o bispo de Hipona se tornou particularmente austero quando enfrentava grupos que lhe pareciam fechados em si mesmos, contrários à doutrina oficial da Igreja católica; Agostinho apresentou a ortodoxia moral da sua Igreja não só como a única verdadeira, mas também como a Igreja da maioria (BROWN, 1999: 69).

De fato, no final do século IV e no início do século V, tivemos um profundo debate eclesiástico ao redor das figuras simbólicas de Adão e Eva no Jardim do Éden. Muitos escritores da Igreja mantinham a posição de que esses dois personagens não eram sexuados e que a sexualidade era consequência da chamada Queda. Da mesma forma, discutia-se intensamente sobre o nascimento de Jesus, pois muitos tinham a posição de que Maria conservou seu estado virginal durante e depois do parto (CAMERON, 1993: 84), a saber, no Ocidente, tínhamos Ambrósio, Jerônimo e Agostinho.

Para uma compreensão melhor da condição do gênero humano na sociedade, os Padres da Igreja – em especial Jerônimo e Agostinho –, ancorados na tradição judaico-cristã, formularam as representações identitárias do polo masculino e feminino na Igreja. Desta maneira, essa construção social e cultural tinha características ligadas a elementos em torno da sexualidade humana, em especial, à renúncia das práticas consideradas como obras da carne.¹⁴

¹⁴ A expressão *carne* no Cristianismo foi um baluarte contra o mundo (*saeculum*); com isso, a renúncia sexual era um exemplo da necessidade dos cristãos de controlarem um corpo exposto aos diversos infortúnios do mundo. Em Agostinho, a carne não era simplesmente o corpo humano, todavia tudo aquilo que levava o eu a querer sua própria vontade à vontade de Deus. E, por sua vez, Jerônimo cristalizou a sexualização da noção paulina de carne, em sua exegese dos textos de Paulo (BROWN, 1990: 168).

No tempo de Agostinho e Jerônimo uma das crenças difundidas entre os cristãos ocidentais era de que aqueles que viviam em contato com a religião deveriam guardar a pureza do corpo; porque, ao contrário, a impureza carnal afastaria o homem da divindade. Desta maneira, a sexualidade, representada pelos Padres da Igreja com tendências ascéticas foi entendida como consequência do pecado original. Portanto, o sexo, visto como algo ruim, tornou-se em todas as situações oposto à realidade sagrada (ROSSIAUD, 2006: 480).

Destarte, reflexões sobre a sexualidade e, conseqüentemente, sobre o casamento, a virgindade, ascetismo e o celibato nesse período geraram um intenso debate na Igreja do Ocidente – Agostinho de Hipona¹⁵ e Jerônimo¹⁶ participaram diretamente da discussão em torno dessas questões. Esses buscaram nas escrituras cristãs e na cultura antiga o fundamento para a construção do papel social de homens e mulheres da sociedade de seu tempo; assim, as relações sexuais para esses não era algo positivo e os que praticavam tais atos estariam em um nível hierárquico inferior em relação ao grupo religioso de continentes.

Igualmente, ao escreverem os tratados sobre a sexualidade, nos séculos IV e V, Agostinho e Jerônimo buscaram entender a visão cristã sobre o sexo formulada pelos Padres da Igreja que os antecederam; o bispo de Hipona compreendeu a existência de um conjunto de concepções antissexuais que faziam parte do pensamento cristão de sua época; e, da mesma forma, teve ciência de que a sexualidade era um desvio de devoção (SALISBURY, 1995: 70).

Os Padres da Igreja – no tempo de Agostinho e Jerônimo – tinham uma visão negativa a respeito das mulheres, pois os mesmos reconheciam no sexo feminino a fonte de tentação para os homens e muitos autores eclesiásticos não somente viam o sexo, mas o casamento como algo pecaminoso (CAMERON, 1993: 80).

Assim, a desigualdade entre os sexos foi fundamentada na criação dos corpos do gênero humano pela divindade; existia na sociedade cristã uma hierarquia ou assimetria entre homem e mulher. Portanto, com esse arcabouço, Agostinho e Jerônimo apresentaram as bases da divisão dos papéis sociais para a sociedade da Antiguidade Tardia (KLAPISCH-ZUBER, 2006: 139).

¹⁵ A partir do ano 400, o bispo Agostinho, impulsionado por essas questões morais, escreveu constantemente sobre Adão e Eva, sendo essas pessoas físicas, dotados dos mesmos corpos e características sexuais análogas aos outros seres humanos (BROWN, 1990: 329).

¹⁶ Jerônimo escreveu sobre o corpo humano, pois acreditava que esse era como “uma floresta ensombrecida, repleta do rugir das feras selvagens, que só podia ser controlada mediante rígidos códigos de dieta e pela rigorosa evitação das oportunidades de atração sexual [...]” (BROWN, 1990: 309).

Em seus escritos morais, apologéticos e cartas, Jerônimo e o bispo Agostinho combateram indiretamente e diretamente controvérsias religiosas de sua época, a saber, o Jovinianismo e o Maniqueísmo, pois essas tendências religiosas – consideradas heresias pela Igreja católica – tiveram uma intensa repercussão sobre perspectiva moral e sexualidade na sociedade na qual esses Padres da Igreja estavam inseridos.

Conclusões preliminares

O bispo Agostinho e o monge Jerônimo, ancorados nas controvérsias religiosas do final do século IV, escreveram sobre o sexo feminino, marcando-o com uma singular identidade dentro da realidade social e na Igreja. Portanto, diferente dos homens, as mulheres tinham seu papel social e sexual na religião cristã e na sociedade, e essa função deveria ser cumprida sistematicamente pelas religiosas.

Além disso, conforme salienta Teja (1999: 216), a renúncia sexual feminina permitiu que as mulheres da alta sociedade romana, mediante o exercício da virgindade e ascese, criassem uma rede de patronato e evergetismo sobre a nova fórmula da caridade cristã que consistia em uma das mais importantes bases econômicas da Igreja e um atrativo para o proselitismo do Cristianismo.

De igual maneira, salienta Clark (1981: 240-257) que o protagonismo feminino foi estreitamente ligado ao ascetismo; a renúncia sexual feminina foi uma forma das mulheres se equipararem aos varões celibatários. A vida ascética dessas mulheres fez com que elas se sentissem úteis socialmente, diferente se vivessem como casadas sob o julgo dos maridos.

Por conseguinte, o repúdio sexual feito pelas mulheres da aristocracia romana proporcionou a estas um lugar de poder e prestígio na sociedade daquela época, mesmo essas sendo tuteladas pelos bispos e religiosos da Igreja, como Agostinho e Jerônimo, e nem terem ofícios eclesiásticos. Desta maneira, essa nova condição da mulher cristã condicionou essas a terem certa liberdade social e uma vida pública mais intensa.

Por fim, entretanto, nessa época, a continência sexual surgiu como uma forma do clero masculino ocidental estabelecer sua identidade e defender suas prerrogativas em oposição ao ascetismo das mulheres aristocráticas. No final do século IV, o celibato entra em questão no Cristianismo Ocidental como uma forma de definir especificamente o grupo masculino de sacerdotes como representantes e intercessores de uma comunidade à parte de todos os cristãos, tanto homens como mulheres (HUNTER, 1999: 140).

Bibliografia

Obras de Jerônimo e Agostinho

AGUSTÍN, S. La bondad del matrimonio. In: **Obras completas de San Agustín: Tratados morales**. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 581-653.

AGUSTÍN, S. La santa virginidad. In: **Obras completas de San Agustín: Tratados morales**. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 693-770.

JERÓNIMO, S. Contra Joviniano. In: **Obras completas de San Agustín: Tratados apologéticos**. v. 7. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009, p. 117-401.

Obras de apoio

BAJO, F. El patronato de los obispos sobre ciudades durante los siglos IV-V en Hispania. **Memorias de Historia Antigua**. Oviedo. Universidad de Oviedo, p. 203-213, 1981.

BROWN, P. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Presença, 1999.

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. **História da Vida Privada: do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 213-401.

BROWN, P. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BROWN, P. **Santo Agostinho: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CAMERON, A. **The Later Roman Empire A.D. 284-430**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

CASQUEIRO, M. A.; CELESTINO, M. M. Introducción In. JERÓNIMO, S. **Obras Completas de San Jerónimo: tratados apologéticos**. v. 8. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009, p. 13-121.

CLARK, E. A. Ascetic Renunciation and Feminist Advancement: A Paradox of Late Ancient Christianity. **Anglican Theological Review**, Chicago, n. 63, p. 240-257, 1981.

COLÉ, J. K. Manés. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 831-913.

DANIÉLOU, J.; MARROU, H.I. **Nova História da Igreja: dos primórdios a São Gregório Magno**. Petrópolis: Vozes, 1973.

- DE LUÍS, P. Introducción (La santa virginidad). In: **Obras completas de San Agustín**: Tratados morales. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 693-770.
- DODARO, R. Iglesia y el Estado. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 674-688.
- FRANGIOTTI, R. **História das Heresias (séculos I-VII)** – conflitos ideológicos dentro do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.
- FRIGHETTO, R. Política e Poder na Antiguidade Tardia – uma abordagem possível. **História Revista**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 161-177, 2006.
- HAMMAN, A. G. **Santo Agostinho e seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- HUNTER, D. G. Bono conjugali, De. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 191-193.
- HUNTER, D. G. Clerical celibacy and Veiling of Virgins: New Boundaries in Late Ancient Christianity. In: KLINGSHIRN, W. E.; VESSEY, M. The Limits of Ancient Christianity. **The University of Michigan Press**, Ann Arbor, p. 139-152, 1999a.
- HUNTER, D. G. General Introduction. In: AUGUSTINE, S. **Marriage and Virginity**. New York, New City Press, 1999b.
- HUNTER, D. G. Joviniano. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 769-770.
- HUNTER, D. G. Matrimonio. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 870-874.
- HUNTER, D. G. Rereading the Jovianianist Controversy: Ascetism and Clerical Authority. **Journal of Medieval and Early Modern Studies**, Volume 33, Number 3, Duke University, 2003, p. 453-470.
- HUNTER, D. G. Virginitate, De sancta. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 1332-1334.
- KLAPISCH-ZUBER, C. Masculino/Feminino. In: LE GOFF, J.; J.C., SCHMITT (Org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. II. Bauru, EDUSC, 2006, p. 137-150.
- KIRSCH, J. P. Pope St. Siricius. In: **THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA**. New York: Robert Appleton, 1912. Disponível em: < <http://www.newadvent.org/cathen/14026a.htm>>. Acesso em: 15 janeiro 2013.
- MARROU, H. I. **Santo Agostinho e o agostinismo**. São Paulo: Agir, 1957.
- MARKUS, R. A. **O fim do cristianismo antigo**. São Paulo: Paulus, 1997.
- PAGELS, E. **Adam, Eve and the Serpent: Sex and Politics in Early Christianity**. New York: Vitange Books, 1989.

RIGGI, C. Maniqueísmo. In: DI BERARDINO, A. (Org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 874-875.

RODRÍGUEZ DÍEZ, J. Introducción (La bondad del matrimonio). In: **Obras completas de San Agustín: Tratados morales**. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 544-577.

SITERNON, D. Jerônimo. In: DI BERARDINO, A. (Org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p 747-749.

ROSSIAUD, J. Sexualidade. In: LE GOFF, J.; J.C., SCHMITT (Org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. II. Bauru, EDUSC, 2006, p. 477-493.

SALISBURY, J. E. **Pais da Igreja, Virgens independentes**. São Paulo: Scritta, 1995.

TEJA, R. **Emperadores, obispos, monjes y mujeres: protagonistas del cristianismo antiguo**. Madrid: Trotta, 1999.

VESSEY, M. Jerónimo. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 751-755.